MENSTRUAÇÃO, PARTO E IMPUREZA NO LEVÍTICO: CONTROLE DE CORPOS E LÍQUIDOS DAS MULHERES

Elaine Gleci Neuenfeldt

Mulher é bicho esquisito, todo mês sangra. (Rita Lee)

Sangue, fluxo, menstruação... Líquidos sagrados! Líquidos malditos! Tanta coisa dita e tanta coisa não dita. Tanta lei para regulamentar como devem correr, quando devem correr, para que devem correr. De assunto comum, de trocas cúmplices nos espaços das mulheres, nos banheiros, nas cozinhas, nos lavatórios, passa a ser tratado público, código, assunto de identidade nacional. Tanta lei falada, que não aparece em papel algum, mas que condiciona e regulamenta essa experiência biológica da mulher. O menstruar, algo específico do corpo da mulher, é construído e definido a partir dos conceitos e necessidades masculinas, androcêntricas, patriarcais. Não é mais da mulher. É para os homens e por eles definido.

Há quem afirme que essas concepções em torno da menstruação e parto já não existem na sociedade moderna. Ou, então, minimizam o seu valor dizendo que são crendices, que algumas loucas e mal-amadas insistem em discutir. Ledo engano! O sangue, esse tão sagrado e tão misterioso líquido que marca tempos, estágios, na vida da mulher, segue cercado de tabus, ritos, ditos, interditos...

Lembro de alguns: uma mulher menstruada não poder passar perto de uma roça de milho, feijão ou soja quando está em flor, pois a semente se arruinará, a roça se encherá de pragas, ou secará. Ela também não pode fazer bolos, maioneses, lingüiças ou embutidos, pois estes vão arruinar, ou "desandar", ou seja, não vão atingir o "ponto" de preparação ideal. O sangue menstrual tem um poder tremendo no que se refere a conquistar um homem. A receita é simples: bastam algumas gotas do precioso líquido no café que será servido ao desejado, e este cairá de amores imediatamente![1]

Se as restrições e discriminações em torno da mulher menstruada já se dão nas atividades do cotidiano, no âmbito assim chamado profano, muito mais forte acontecem na esfera religiosa, em atividades e funções relacionadas com o sagrado. Testemunhos de mulheres lembram as restrições impostas pelo sacerdote/pastor, na leitura de textos bíblicos no culto, ou missa dominical, quando elas estão menstruadas.

1. Alguns destes ditos foram tomados de SARDENBERG, Cecília M.B. *De sangrias, tabus e poderes: a menstruação numa perspectiva antropológica*, p. 323-324. Outros, busquei na sabedoria de minha avó, de minha mãe e de algumas amigas.

Esse recorrido bastante amplo sobre algumas idéias em torno da menstruação quer dar uma visão do que significa para as mulheres essa experiência que é tão biológica, tão própria, mas ao mesmo tempo tão complexa, pois está cercada de construções culturais, históricas, religiosas e sociais. A sexualidade das mulheres é definida por essas experiências negativas em relação à menstruação. Se quisermos fazer teologia tendo como motivação ou ponto de partida a experiência das mulheres, devemos ter em conta que esta é marcada por conflitos e ambigüidades. O cotidiano não é harmonioso e as experiências com o próprio corpo e suas realidades biológicas nem sempre são prazerosas. Existe uma fissura entre as experiências com o corpo e com o cotidiano. O corpo não faz parte do cotidiano, pelo menos não como fonte de inspiração ou prazer. Muito menos, então, na relação com o sagrado. A cisão acontece quando as realidades corpóreas são negadas, não vividas, não experimentadas em sua intensidade. A experiência acontece desta forma em decorrência da construção genérica das relações. E a vivência da sexualidade da mulher se dá com metas à reprodução, ou para satisfação dos desejos dos homens. A sexualidade assim definida serve para justificar a inferioridade das mulheres, e como tal ela é um fenômeno político e está relacionada com a distribuição de poder social.

A sociedade patriarcal e androcêntrica impõe valores preconceituosos e estereotipados às capacidades biológicas das mulheres. As relações entre os gêneros não são igualitárias, mas são assimétricas. O que é ser feminino e masculino é definido e construído por homens e em função deles. Vale lembrar que o androcentrismo é a forma de organização que privilegia um determinado tipo de homem, no nosso contexto: branco, cristão, ocidental de classe alta, adulto, viril...

Na hermenêutica feminista essa experiência das mulheres é tomada como ponto de partida e de chegada no acercamento ao texto bíblico. Ao buscar a aproximação entre o texto de Levítico 12 e 15,19-33, que trata do tema do parto, dos seus tempos e do sangue menstrual e seus ritos e a realidade vivida pelas mulheres hoje em relação a esses mesmos temas, é necessário ter em conta que esses processos são impostos, construídos sobre os corpos das mulheres. Essa aproximação quer evidenciar que a imposição nunca alcança seu fim último: o de calar, de entranhar no corpo e no sangue a inferioridade. Sempre há resistência! Nunca há submissão por completo. Por mais absorvida que possa parecer a idéia dominante, sempre há maneiras de escapar e de resistir. O absorvente é pequeno demais, impróprio demais e os fluxos passam. Vazam. Mancham. Transbordam. Lambuzam.

Dores de cabeça, TPM (Tensão Pré-menstrual), não poder se aproximar da roça, re-lidos desde a ótica da resistência significam poderes em contraposição. São micropoderes, contrapoderes. Pequenas ações, desde o cotidiano, que movem mundos. Transformam vidas. Constroem identidades.

E as leis do Levítico?

O Levítico é um texto legal. Todo o livro trata da lei, a partir de uma visão que coloca a Moisés como o interlocutor. São leis que regulamentam o culto. Por isso, o

Levítico é visto quase como um "manual sacerdotal."[2] Por se tratar de uma coleção de textos legais, devemos pressupor uma longa história de tradição oral, que vai provocando alterações no mesmo texto, acréscimos, adaptações, etc. A origem dos textos deve ser buscada em textos litúrgicos usados como textos sagrados por séculos.[3]

De acordo com a teoria das fontes, o Levítico seria uma compilação da fonte P, o Escrito Sacerdotal. Este documento tem o objetivo de regulamentar o culto, tanto em seu lugar específico, o santuário, como no que se refere ao seu objetivo, a preservação da sua pureza e santidade[4]. O texto de todo o documento está formado por diferentes extratos, que foram sendo "costurados" a partir de um material básico, e demonstra que este não pode ser obra de um único autor, mas de uma "escola, ou seja, de um círculo sacerdotal que possuía idéias similares (daí a extrema afinidade lingüística), que recolheu as tradições, as elaborou e as fixou por escrito"[5].

Outra possibilidade é entender os textos como "pequenas unidades de sentido, narrativas básicas"[6]. Com essa perspectiva se busca resgatar o contexto de vida que gerou determinados textos. Isso no texto do Levítico implica em "perguntar pela experiência social que vão gerando seus ditos, mal-ditos, interditos. Olhar além das palavras do sacerdote, seu púlpito e seu altar"[7]. Neste sentido, queremos ler o Levítico desde a tensão produzida por buscar adequar duas realidades decorrentes do mesmo projeto. Por um lado, quer construir para o povo uma identidade nacional, a partir das regulamentações da vida diária e das instituições. Por outro, essa mesma dinâmica de controle provoca a exclusão de grupos, pessoas e corpos que não se ajustam aos interesses desse projeto[8].

Os textos refletem a vida na comunidade pós-exílica. Grupos ligados a esta comunidade seriam promotores do projeto de reconstrução nacional baseado na lei e estariam por trás das formulações legais presentes no Levítico[9]. Esse projeto teria como principal expoente a Esdras e sua proposta de reforma do clero e do culto. Proposta essa que faz o vínculo entre a organização cultual e os interesses econômicos propulsados pelo império persa. A dinâmica dessa reforma obedece a esses critérios civis e religiosos, resgatando antigas tradições, tabus e interditos, que irão legitimar os interesses políticos e econômicos de um grupo dominante[10]. É aquela dinâmica

2. CHOURAQUI, André. *Ele clama ...* (*Levítico*), p. 13.

3. GERSTENBERGER, Erhard S. *Leviticus*, p. 4.

4. SCHMIDT, Werner. *Introducción al Antiguo Testamento*, p. 121.

5. ID., *ibid.*, p. 124.

6. PEREIRA, Nancy Cardoso. *Comida, sexo e saúde. Lendo o Levítico na América Latina*, p. 136.

7. ID., *ibid.*, p. 134.

8. ID., *ibid.*, p. 139.

9. Sobre a autoria ver: GERSTENBERGER, Erhard S. *Leviticus*, p. 10-16; e STORNIOLO, Ivo. *Como ler o livro do Levítico*, p. 7-13.

10. PEREIRA, Nancy Cardoso. *Comida, sexo e saúde. Lendo o Levítico na América Latina*, p. 138-139.

onde os símbolos, ritos e crenças são tomados de seu contexto de origem e cooptados/integrados por um grupo detentor do poder político e econômico, que busca um poder hegemônico, no âmbito ideológico.

E as leis sobre a impureza do parto e o sangue menstrual – Lv 12 e 15,19-33?

O fluxo genital da mulher é considerado no Levítico uma das cinco impurezas curáveis. Três destas impurezas estão relacionadas com o sangrar da mulher (as outras, com o sêmen): o sangue regular e irregular da menstruação e do pós-parto. Qualquer outro fluxo vaginal é considerado puro, inclusive o decorrente de doença venérea, ou a urina. Isso demonstra que as leis de impureza não têm nada a ver com higiene, mas são uma preocupação cúltica.

Tomando em conta os grandes períodos de aleitamento materno e a freqüência da gravidez (devido à alta taxa de mortalidade infantil), a menstruação provavelmente não era muito comum na vida de uma mulher. As leis prescritivas e proibitivas em torno da menstruação podem ser entendidas neste contexto: se ocorre pouco, é pouco conhecida, logo, mais envolvida em mistério. E o que é misterioso, inexplicável é dotado de poder[11]. Nesse sentido, o sangue (menstrual ou não) "veículo da alma por excelência" ... "por seu caráter misterioso foi antes de tudo a fonte de um 'tabu' e não de uma regra de higiene"[12]. O sangue menstrual, em particular, contém em si o simbólico da vida e da morte; é, portanto, misterioso, impossível de ser dominado e controlado, muito próximo ao sagrado. Uma mulher que tem fluxo é chamada, em hebraico, *niddah.* É a mesma raiz do verbo que significa "apartar", "separar", ou "mover para longe". Parece que quando no Lv 12,4 se diz que a mulher "nenhuma coisa santa tocará, nem entrará no santuário até que se cumpram os dias de sua purificação", está-se querendo dizer que duas realidades misteriosas e sagradas (a mulher menstruada – a *niddah,* e o espaço sagrado – o templo/santuários) devem ter seus limites claramente delimitados, para não provocar caos ou confusão, em caso de um embrenhar-se no outro. A separação pelo tabu ainda não implica em subordinação ou hierarquização de um estado sobre o outro.

O tabu, como construção social, serve para separar coisas que estão muito próximas e que têm possibilidade de serem confundidas. O que é perigosamente similar precisa ter linhas e limites claros de separação. Para isso, existem leis que regulamentam e penalidades para transgressões. A infração tem como conseqüência a contaminação, a qual é eliminada com um rito de purificação[13]. Mary Douglas, quando procura definir a idéia de impureza e pureza, diz que "... idéias sobre separar, purificar, demarcar e punir transgressões têm como sua função principal impor

11. BE'ER, Ilana. *Blood Discharge*, p. 158.

12. ALLMEN, J.J. von. *Vocabulário bíblico*, p. 347.

13. BERGENT, Diane. *Preserving identity, values, and aspirations*, p. 49.

sistematização numa experiência inerentemente desordenada"[14]. O ritual serve para reconhecer o estado de desordem e redefinir a ordem.

A mulher menstruada contamina em primeiro grau tudo onde ela senta ou deita, e, como contaminação secundária, quem entra em contato com ela ou com o que ela tocou. Quem tem relações sexuais com ela também é impuro por 7 dias. Ainda não há uma associação da menstruação com o pecado. Somente em outros textos – Lv 18,19; 20,18; Ez 18,6; 22,10 – a relação sexual com uma mulher menstruada é penalizada com a expulsão da comunidade (aqui aparece junto com o adultério, incesto, homossexualidade e bestialidade). A associação da menstruação, ou a identificação metafórica com o pecado, só se dá em textos posteriores, como Ezequiel, Lamentações e Esdras (Ez 36,17; Lm 1,8.17; Esd 9,10-11). É importante lembrar que estes textos são atribuídos ao período do exílio e pós-exílio, e representam *uma* visão, de *um* grupo, ou seja, não abrangem uma compreensão universal, de toda a teologia que se constitui nessa época. Leis de pureza e impureza são ferramentas de um grupo que as prescreve e têm o objetivo de demarcar limites e fronteiras da comunidade.

No caso da impureza pós-parto, o texto faz menção à mesma regulamentação da menstruação. O ritual é o mesmo: a mulher trará até a porta um cordeiro de um ano por holocausto, e um pombinho ou uma rola por oferta pelo pecado, e os entregará ao sacerdote. O período maior para a menina (14 + 66 dias = 80) do que para o menino (7 + 33 dias = 40) não é claro. É possível que seja pelo pouco valor e a conseqüente decepção ao nascer uma menina, ou porque ela já traria em si o potencial da impureza, por ser mulher e um dia vai menstruar[15]. Mas também pode-se ler este tempo maior (80 dias) como uma forma de "proteção" às meninas, pois quanto maior o tempo de purificação da mãe, maior o tempo disponível para amamentação. O que reverte em mais espaçamento entre possíveis gravidezes (a amamentação intensa diminui a ovulação e a possibilidade de concepção, em caso de relação sexual).

E o que fazemos com estes textos hoje?

Os textos do Levítico, em realidade, são pouco trabalhados e menos conhecidos nas nossas comunidades. No entanto, como já vimos, as idéias em torno à menstruação, os seus perigos e poderes fazem parte do imaginário popular e vão criando leis, costumes e interditos que restringem a vivência dessa realidade biológica das mulheres como algo prazeroso. Menstruação é incômodo, é uma carga e limita a vivência da sexualidade de uma forma mais integral. Por isso, busco resgatar a realidade (provável) que está por detrás destas leis, como estas leis receberam, ou não, atenção na vida cotidiana das mulheres, no antigo Israel. Na re-leitura e reconstrução destes textos, creio que é necessário que se tome muito em conta outras ferramentas que possam

14. DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*, p. 15.

15. BIALE, Rachel. *Women and Jewish law*, p. 147.

iluminar o que poderia se constituir na vida cotidiana de uma época tão distante, tão diferente e que vem documentada somente desde uma parcialidade, que são os testemunhos bíblicos. Creio que buscar ajuda na antropologia e na arqueologia ajuda para trazer mais evidências dos costumes e rituais deste povo.

Em torno dos momentos-limites, que demarcam a vida e a morte, ou que delimitam períodos ou épocas, temos o testemunho de rituais que celebram essas passagens. São conhecidos em muitas culturas os ritos de passagem e, através de alguns textos bíblicos, temos evidências destes também em Israel. Por exemplo: o ritual em torno à morte e lamentação (Ez 24,17; Mq 1, 8); o jejum (Et 4,16; Ne 9,1). Também são caseiros e familiares alguns ritos importantes, como o dar nome à criança, que geralmente é feito pela mãe (Gn 30; 1Sm 1,20; Jz 13,24; Rt 4,17). E em Ez 16,4 possivelmente temos indícios de um ritual em torno ao nascimento, ou corte do cordão umbilical. Nestes momentos, é bem provável que os homens não participam (Jr 20,15 – vão dar a notícia ao pai). São as mulheres que atendem outras mulheres (Ex 1,13-21). Certamente existiam práticas religiosas que acompanhavam estes momentos. As evidências arqueológicas trazem à tona um grande número de pequenas estatuetas de figuras de mulheres, que podem estar representando a manifestação da divindade feminina, ou do feminino da divindade. Estas estatuetas muitas vezes aparecem grávidas, ou com crianças em seus braços. Muitas foram encontradas em escavações de construções domésticas, residências familiares. Por isso, é bem provável que estas foram usadas em rituais caseiros, como forma de proteção em momentos críticos, como o parto, a concepção ou a amamentação[16].

A menstruação, o parto, a amamentação, como realidades biológicas das mulheres, são vistos dentro do mundo patriarcal relacionados com o fim único da procriação. Estas capacidades biológicas, longe de serem poderosas para as mulheres, são usadas como forma de subordinação. Não somos nós mulheres quem definimos os nossos ritmos, os nossos tempos, os nossos corpos. Nesse sentido, proponho que a re-leitura das leis de pureza e impureza em relação aos corpos das mulheres seja feita a partir da desconstrução do seu caráter prescritivo e, num segundo momento, reconstruir a sua força, o seu poder que traz nas entrelinhas. Esse empoderamento pode estar na recuperação destes tempos, destas épocas como nossas. O corpo, esse espaço sagrado, nosso de cada dia, tem ritmos, tempos que precisam ser ritualizados, consagrados. Recuperar o sagrado sangue, o sagrado líquido, fluxo uterino, re-nomear o que é e onde está o sagrado, é o desafio que fica de uma leitura feminista destes textos do Levítico.

16. DEVER, W. *Recent archaeology discoveries*, p. 157.

Bibliografia

ALLMEN, J.J. Verbete: "Puro". *Vocabulário Bíblico.* São Paulo: ASTE, 1972, p. 346-350.

BE'ER, Ilana. "Blood Discharge: on Female Im/Purity in the priestly Code and in Biblical Literature", in BRENNER, Athalya (ed.). *A Feminist Companion to Exodus to Deuteronomy.* Sheffield: Academic Press, 1994, p. 152-164.

BERGENT, Diane. "Preserving identity, values, and aspirations" in *Purity: categories and anomalies.* Chicago: CTU, s.d., p. 48-60 (parte II do prospecto de sua aula).

BIALE, Rachel. *Women and Jewish Law: an exploration of women's issues in Halakhic sources.* New York: Shocken Books, 1984.

CHOURAQUI, André. *Ele clama ... (Levítico).* A Bíblia. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

DEVER, William. "Archaeology reconstructs the Israelite cult", in: ID. *Recent Archaeology Discoveries.* Seattle: University of Washington Press, 1990, p. 121-166

DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo.* São Paulo: Perspectiva, 1976.

EILBERG-SCHARTZ, Howard. *The savage in the Judaism: an anthropology of Israelite Religion and Ancient Judaism.* Indianapolis: Indiana University Press, 1984.

GERSTENBERGER, Erhard S. *Leviticus. A commentary.* Kentucky: Westminster/John Knox Press, 1996.

PEREIRA, Nancy Cardoso. "Comida, sexo e saúde. Lendo o Levítico na América Latina", in *RIBLA – Pentateuco.* São Leopoldo: Sinodal, Petrópolis: Vozes, n. 23, p. 133-160.

SARDENBERG, Cecília M.B. De sangrias, tabus e poderes: a menstruação numa perspectiva antropológica. *Estudos feministas* ano 2, n. 32, p. 314-344, 1994.

SCHMIDT, Werner H. *Introducción al Antiguo Testamento.* Salamanca: Sígueme, 1990.

STORNIOLO, Ivo. *Como ler o livro do Levítico.* São Paulo: Paulus, 1995.

Elaine Gleci Neuenfeldt
e-mail: elainenf@sl.conex.net
Caixa postal 14 – IEPG – EST
São Leopoldo, RS